

## ENTREVISTA COM JOAQUIM DOLZ, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE GENEBRA

Entrevistado por:  
Camille Roberta Ivantes Braz (Doutoranda em Letras – Língua Portuguesa)  
Everaldo Lima de Araújo (Doutorando em Letras – Língua Portuguesa)  
Jordana Lenhardt (Doutoranda em Letras - Linguística)



Joaquim Dolz é professor e pesquisador em didática do francês como língua materna, com doutorado em Ciências da Educação - Didática das Línguas pela Universidade de Genebra (Suíça), onde atualmente é atuante na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Em seu percurso como pesquisador se engajou em diversos projetos a fim de desenvolver a pesquisa sobre a didática das línguas, envolvendo também a engenharia didática, o estudo a respeito das competências dos estudantes, a modelização didática dos gêneros textuais, o ensino da produção oral e escrita, assim

como o estudo dos objetos de ensino e a atividade dos professores de língua. Tem se dedicado ao estudo dos processos de formação de professores em uma perspectiva didática. Dentre suas obras publicadas no Brasil, temos *Produção escrita e dificuldade de aprendizagem* (em autoria conjunta com Fabrício Decândio e Roxane Gagnon) [Editora Mercado de Letras], *O enigma da competência em educação* (com a colaboração de Edmée Ollagnier e outros autores) [Editora Artmed] e *Gêneros orais e escritos na escola* (organizado em co-autoria com Bernard Schneuwly) [Editora Mercado de Letras]. Fluente em português, o Professor Joaquim Dolz concedeu a seguinte entrevista à **Palimpsesto** via e-mail:

## PALIMPSESTO

Atualmente o *Youtube* disponibiliza canais de cursos de natureza pedagógica (incluindo cursos de/para professores), muito utilizados por alunos para sanar suas dúvidas. Porém é também expressivo o número de influenciadores digitais – sem qualquer formação teórica ou pedagógica – que usam o *Youtube* para divulgar conteúdo que os jovens utilizam até mesmo como base para sua formação. Como o senhor vê esse cenário? E como a escola pode usar o *Youtube* (e outras redes sociais) no processo educacional?

## JOAQUIM DOLZ

*Youtube* é um simples exemplo de uma das múltiplas possibilidades, forma parte das novas tecnologias na educação na era numérica e da *internet*. Os recursos e usos da *internet* na escola são muito mais importantes que o uso de *Youtube* e tendem a generalizar-se. O desenvolvimento das capacidades numéricas e do letramento multimodal é hoje um objetivo da escola e exige uma formação dos professores. Não se trata unicamente de um uso pontual de um curso de natureza pedagógica para resolver dúvidas. Trata-se de ferramentas novas para a escola e a formação.

A formação a distância se dirige aos estudantes ativos que vivem longe do lugar de formação, que trabalham ou têm problemas de mobilidade (alunos em situação de deficiência física) e buscam maior flexibilidade e liberdade na organização da formação. É uma formação que tem anos de história e que pode ser muito importante num país grande e

de grandes distâncias como o Brasil. Do ponto de vista pedagógico, propõe formas de aprendizagem e de estudo que não exigem a presença dos alunos no centro de formação. Geralmente combina-se *e-learning*, aprendizagem individual e momentos de ensino presencial. O desafio nesse caso é a elaboração de bancos de recursos numéricos, de plataformas e espaços numéricos disciplinares acessíveis em rede. Vou dar um exemplo concreto. As “Olimpíadas da língua portuguesa: escrevendo o futuro”, da Fundação Itaú Social, dispõem de uma plataforma que é utilizada de maneira organizada e coerente tanto pelos alunos como pelos professores para desenvolver o letramento no Brasil. Os materiais à disposição dos alunos para aprender a escrever são multimodais (textos, vídeos, cursos online) e os recursos para a formação didática dos professores são excelentes. A consulta e o seguimento são assegurados por um grupo de especialistas.

Interpreto a sua questão de maneira ampla. *Youtube* não é a questão central. A escola pode funcionar perfeitamente sem *Youtube*. Certamente, no cenário atual, é muito importante pensar nas características das novas tecnologias e o seu uso. Para nós, é importante caracterizar os novos gêneros discursivos numéricos para assegurar aquilo que Roxane Roxo chama o multiletramento. O aluno tem que desenvolver as capacidades de leitura crítica dos gêneros multimodais presentes na internet. Mas também temos que estudar e conhecer melhor o papel que eles desempenham e podem desempenhar nas aprendizagens dos alunos dentro e fora da escola, no trabalho e na formação docente. Mais que o uso de *Youtube* e as redes sociais, são as consequências da revolução numérica no mundo educativo que devemos abordar. As crianças que nascem hoje vivem em um

universo numérico (tabletes, celulares, computadores, etc.). As formas de comunicação com os novos recursos tecnológicos não são as mesmas que nos diálogos cotidianos. As interações implicam novos funcionamentos discursivos, com muitas potencialidades, mas que ainda não conhecemos suficientemente.

## **PALIMPSESTO**

Quanto à formação de professores de língua materna, em tempos de crise no cenário educacional brasileiro, que caminhos o senhor considera importantes no que se refere ao trabalho com novos gêneros, linguagens e desafios que a tecnologia contemporânea apresenta?

## **JOAQUIM DOLZ**

Considero a formação docente de professores de língua portuguesa muito importante.

Um parêntesis sobre o termo “língua materna”. Eu evito o termo “língua materna” do ponto de vista acadêmico por três razões: a primeira porque acho que o termo tem uma conotação sexista. A primeira língua se aprende em interação com a família e o entorno próximo, mas não unicamente com a mãe. Muitas crianças hoje começam a falar na creche. A segunda razão é porque atualmente muitas crianças em todas as partes do mundo são bilíngues precoces, também no Brasil onde muitas famílias utilizam as línguas de origem familiar (italiano, alemão, espanhol, inglês) ou línguas ameríndias minoradas (tupi guarani,

etc.). Nem sempre o português é a única língua primeira familiar no Brasil, ainda que se apresente como a única. A terceira e mais importante é que o termo “materna” naturaliza a aprendizagem e o desenvolvimento. Do meu ponto de vista, aprender a escrita em língua portuguesa exige muito mais que “mamar o leite materno”. Para um interacionista sociodiscursivo como eu, a língua portuguesa é a língua oficial de escolarização, e as variedades do português brasileiro que podem ser relativamente diferentes de uma parte a outra do país formam parte das línguas primeiras familiares (sem esquecer que provavelmente não são sempre as únicas).

Todos deveriam saber que o futuro do Brasil depende da educação. Os especialistas consideram que o ensino fundamental, especialmente das escolas públicas, é hoje ainda insuficiente no Brasil. As desigualdades sociais existem e a prova disso são os indicadores educacionais. Desde 2001, eles refletem os esforços para elevar a escolaridade e qualidade do ensino na educação básica. No entanto, no contexto político atual, estamos assistindo a um retrocesso, vide as medidas educacionais e sociais que o atual governo brasileiro tem imposto e que vocês no Brasil conhecem melhor que eu. O ensino fundamental básico nem sempre é garantia de uma prática de leitura e de escrita eficiente. A cultura letrada está disseminada de forma muito desigual no Brasil. O papel da escola pública é fundamental na promoção do letramento.

A perspectiva que eu defendo consiste em organizar o ensino da língua portuguesa, levando em consideração as diversas práticas sociais de leitura e de escrita necessárias na vida social. Os gêneros são a unidade de trabalho do professor de língua: os diversos gêneros

discursivos ou textuais da cultura brasileira, gêneros profissionais indispensáveis para entrar no mundo do trabalho, gêneros que regulam as interações na vida cotidiana, gêneros argumentativos necessários na vida do cidadão numa democracia, gêneros acadêmicos necessários para poder seguir os estudos, gêneros narrativos, gêneros literários, etc.

Além disso, existem também os novos gêneros numéricos que formam parte da cultura letrada. Eles merecem um lugar destacado na escola, mas, atenção: as novas tecnologias e os novos gêneros não vão resolver os problemas do letramento no Brasil. Acho que a cautela e a prudência se impõem. Certamente, podem ser um suporte motivador e interessante na escola e contribuir para o desenvolvimento do multiletramento, mas também podem ser idealizados ou banalizados. Utilizados como um brinquedo para animar a aula e sem uma aproximação crítica poderiam produzir o efeito contrário ao desejado: uma deriva tecnicista que, ao invés de contribuir para o letramento crítico reduz as estratégias de compreensão dos discursos. A *internet* é um universo complexo. Informar-se através da *internet* exige uma perspectiva seletiva e crítica. Os novos gêneros presentes na rede combinam códigos diferentes e apresentam particularidades que têm que ser levadas em conta. Um desafio para a semiologia, para a linguística e para a didática. Um desafio para os professores de hoje.

## PALIMPSESTO

Considerando sua recente visita ao Brasil, e em especial à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, qual sua impressão quanto às representações discursivas na mídia brasileira, dado o atual cenário político do país?

## JOAQUIM DOLZ

Eu não sou brasileiro. O meu ponto de vista é externo. A visão de um professor estrangeiro sobre a linguagem em tempo de crise no Brasil e sobre a vida política do país deve ser relativizada, mas agradeço a questão. Darei primeiro a minha modesta opinião crítica e em seguida tratarei de falar do ponto de vista científico: o que as pesquisas trazem sobre os gêneros jornalísticos e a análise do discurso das mídias.

Nos últimos anos li alguns livros de história, de sociologia e de linguística sobre o Brasil que me marcaram e muitas pesquisas brilhantes de autores brasileiros, mas quanto mais conheço o país, menos compreendo a sociedade brasileira. Culturalmente o Brasil exerce um poder de fascinação muito grande para mim. No entanto, política e socialmente, o país vive situações que são revoltantes. Visitei lugares muito diversos, lugares extraordinários e lugares de uma pobreza absoluta. Uma cidade maravilhosa como o Rio de Janeiro é visivelmente dividida entre dois mundos. Você olha a cidade da praia de Ipanema ou do Corcovado e percebe os dois mundos contrastados. Todos os dias que passei na cidade vi gente que dorme na rua. A luta pela igualdade tem ainda muito a ser feito. A mistura social e

étnica no Brasil é aparente. As desigualdades jurídicas, políticas, sociais e culturais são enormes.

E a mídia? A minha visão das representações discursivas na mídia brasileira é crítica. A imprensa em todas as partes do mundo tem a obrigação de ser honesta. A mídia brasileira é bastante tendenciosa. A televisão tem uma qualidade ínfima. A mídia, como em muitos outros países, está maioritariamente controlada pelos poderes econômicos e fáticos. O grupo Globo tem um poder enorme. As informações sobre a vida política são parciais. É difícil contrastar as informações. A influência da mídia no cenário político atual é consequentemente muito grande. O jornalismo poderia ser honesto e crítico, mas funciona globalmente como uma comunidade discursiva a favor da dominação ideológica que produz opiniões em função de grupos de interesses econômicos e políticos. Há discursos abertos e populares e produz também textos fechados e acessíveis unicamente às elites. As comunidades ideológicas e econômicas dominam as comunidades discursivas. Um país potente como o Brasil merece outra coisa. Um país novo, mas com uma mídia velha, sensacionalista e, do meu ponto de vista, majoritariamente tendenciosa e inescrupulosa.

Os estudos linguísticos ajudam a compreender o funcionamento da linguagem da mídia, os gêneros discursivos ou textuais que a caracterizam e as condições de produção. A análise do discurso permite compreender as normas de interação, como o discurso encontra os discursos dos outros, o dialogismo explícito ou implícito das múltiplas pressuposições. A recepção do jornal, a leitura de diferentes gêneros jornalísticos, a interpretação de um *spot* publicitário ou a maneira de seguir uma emissão de televisão nos interessa. No nosso caso,

estudamos as regularidades do gênero e as particularidades dos textos para estabelecer as dimensões que merecem ser ensinadas na escola, criar modelos e sequências didáticas.

O letramento crítico na escola tem uma tarefa colossal: ensinar aos alunos a compreender as entrelinhas das notícias e dos artigos de opinião e, sobretudo, a se proteger da manipulação da publicidade.

## **PALIMPSESTO**

Que desafios o professor de línguas deve estar atento, pensando numa prática de ensino mais produtiva?

## **JOAQUIM DOLZ**

O termo “produtivo” para falar de educação é um termo empresarial que induz confusão. O neoliberalismo faz com que agora analisemos a saúde e a educação em termos de produtividade econômica. A prosperidade e o progresso na educação poderia se medir de outras maneiras. As práticas de ensino também podem produzir felicidade, liberdade, criatividade, reduzir as desigualdades e permitir aos futuros cidadãos participar na vida democrática. O imperativo puramente econômico centrado nos custos financeiros pode ser destrutivo e absurdo em matéria de educação e de saúde. O Brasil, como outros países, tem uma orientação compulsiva dirigida ao consumo massivo e industrializado, no entanto precisa também melhorar a sociabilidade. O Rio tem um índice de criminalidade muito

elevado. Estamos longe de projetos geradores de verdadeira prosperidade na educação, na ajuda social e na saúde. Mas falarei, como me pede, de produtividade ou de eficiência para desenvolver o letramento. O índice de letramento tem um impacto sobre a diminuição da criminalidade, por exemplo. E, efetivamente, acho que o país deveria pensar nas finalidades educativas, nos valores a desenvolver nas escolas, no poder transformador da educação. Não digo nada novo. O Brasil deveria considerar as escolas como lugares privilegiados para o futuro de toda a comunidade. Pensar mais nas condições de trabalho dos professores e evitar as aulas sobrecarregadas. O letramento certamente é importante para o desenvolvimento econômico, mas supera os aspectos puramente econômicos. É importante para o desenvolvimento cultural e humano. A escrita é uma ferramenta que transforma as pessoas. Modestamente, acho que as propostas que fizemos no livro *Gêneros orais e escritos na escola* podem contribuir nessa transformação. Obcecados pela crise econômica, está se esquecendo da educação, que é prioritária para “escrever o futuro”, como diz o *slogan* das *Olimpíadas da língua portuguesa*. Coletivamente, o Brasil tem que precisar as necessidades e as prioridades do país em matéria educativa. A leitura e a escrita, com ou sem novas tecnologias, seguem sendo uma matéria pendente para o Brasil.

## **PALIMPSESTO**

Em fala recente do senhor durante o VI Congresso Internacional de Semiótica (COLSEMI), na UERJ, foram apresentadas reflexões sobre tempos verbais a partir de

produções textuais de alunos brasileiros. Como o senhor avalia a produção de textos às quais teve acesso? No seu modo de entender, como o professor deve olhar para a produção de textos em sala de aula?

## JOAQUIM DOLZ

O congresso foi um congresso de semiótica e eu gostei muito das intervenções dos meus colegas brasileiros. Destacarei as contribuições das equipes de Darcília de Simões, com uma metodologia muito interessante para analisar *corpora* importantes; de André Valente, contrastando justamente a mídia brasileira; e os trabalhos sobre o discurso direto e indireto, de André Conforte.

No meu caso, dentro uma perspectiva interacionista, tratei de mostrar o funcionamento dos tempos verbais em quatro gêneros textuais diferentes (conto popular, notícia, explicação do funcionamento de uma eclusa, relato de experiência vivida numa carta). Expliquei como se constrói a significação das formas verbais. Falei dos sete fatores que determinam a construção da significação no funcionamento discursivo. Eu me opus à hipótese equipolente da significação dos tempos verbais que considera que cada tempo tem um valor dominante. Falei da plurifuncionalidade dos tempos verbais e dos valores diversos que veiculam não sempre temporais. E, finalmente, estudei como os alunos de 10 a 14 anos utilizam os tempos verbais, diversificam os usos para chegar a desenvolver significações mais precisas. O resultado das minhas pesquisas sobre o desenvolvimento dos usos das formas

verbais nos gêneros textuais, acho, tem consequências na maneira de focar o ensino. Precisamos articular melhor os aspectos discursivos e gramaticais no ensino da escrita.

## **PALIMPSESTO**

O senhor possui estudos significativos sobre o trabalho com gêneros textuais em sala de aula. Quais questões o senhor tem se pautado em suas reflexões atualmente?

## **JOAQUIM DOLZ**

O nosso paradigma de pesquisa é o interacionismo sociodiscursivo (ISD) que, no Brasil, foi desenvolvido por outros pesquisadores como Anna Rachel Machado, Roxane Rojo, Glaís Sales Cordeiro, Eliane Lousada, Lília Abreu-Tardelli, Eulália Leurquin, Elvira Lopes Nascimento, Vera Cristovão, Luzia Bueno, Lidia Stutz, Ana Maria Guimarães, Carla Silva Hardmeyer, Maria Isabel Rodrigues Tognato, Siderlene Muniz-Oliveira, Ermelinda Barricelli e muitos outros. As interações sociais são o modo fundamental do comportamento humano. O uso da linguagem (dos discursos) é o principal instrumento para compreendê-las. Nós consideramos o uso dos gêneros textuais no centro dos nossos estudos.

Os meus trabalhos exploram o uso dos gêneros orais e escritos no ensino das línguas. Também trabalho sobre a análise das práticas de ensino de diferentes gêneros textuais (as interações entre professores e alunos na aprendizagem da escrita) e sobre a formação docente dos futuros professores de línguas. Uma das minhas especificidades é a insistência

nos trabalhos empíricos centrados nas interações. Trato de compreender os processos que facilitam a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem na escola. A segunda especificidade é o meu interesse pelo plurilinguismo, mas deixaremos o tema para outra ocasião.

**Como citar esta entrevista:**

BRAZ, Camille Roberta Ivantes; ARAÚJO, Everaldo Lima de; LENHARDT, Jordana. Entrevista com Joaquim Dolz, professor da Universidade de Genebra. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 25, jul.-dez. 2017, pp. 355-367. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num25/entrevista/palimpsesto25entrevista01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaa*. ISSN: 1809-3507